

# ARQUIVO-ORÁCULO: POR UMA ANTROPOLOGIA CAÇADORA, SONHANTE E ARQUEOLÓGICA DAS ESCOLAS VIVAS

Cacá Fonseca<sup>1</sup>  
Filipe Britto<sup>2</sup>  
Glicéria Tupinambá<sup>3</sup>  
Laura Castro<sup>4</sup>

*“De um certo modo eu fui um privilegiado pois nasci no berço da violência, assim pude ver a sua cara como a primeira paisagem. Como segunda paisagem eu pude formar em mim mesmo mundos a partir de fragmentos.”* (ESBEL, J., 2020)

Esse ensaio nasce de muitos encontros e chamados, da aliança, do sonho e da presença solar de Glicéria Tupinambá. Nasce das paisagens que Jaider Esbel (2020) convoca, dessas paisagens da violência e dos pedaços de memória estilhaçados. Nasce da experiência de estarmos juntos no ciclo de experimentos “Arqueologia da ignorância” quando a pesquisa sobre o fechamento das 60.065 escolas rurais no Brasil nos últimos 20 anos, intitulada inicialmente de “Expedição Catástrofe: por uma arqueologia da ignorância” (2016 - 2019) dá um giro no terreno arqueológico e passa a buscar não apenas as escolas fechadas, mortas, desativadas. Nasce dos Contra-arquivos de Glicéria em contato cara a cara, corpo a corpo, mana a mana com os arquivos do ciclo de estudos chamado “Vocabulário para catástrofes” (2021).

- A minha antropologia é arqueologia. (TUPINAMBÁ, G. 2023)<sup>5</sup>

Uma antropologia que é arqueologia, que por sua vez vem se fazendo como prática caçadora, guerreira e sonhante, tecida como um manto vivo com os pedaços desterrados que povoam o cosmos desse povo. Não se trata de uma antropologia do sonho, em que o sonhar, prática inscrita culturalmente, é pesquisada pela perspectiva antropológica. Temos pensado coletivamente sobre essa hipótese de uma antropologia que se faz também como arqueologia, ambas mediadas, pelo sonho e pela caça. Essa feitura, é também uma estratégia frente às paisagens que Jaider Esbel (2020) narra da violência como berço e do mundo como fragmento. Nesse caso, sonho e caça se enredam como perspectiva

<sup>1</sup> Professora Departamento de Artes Visuais, UFPB. caca.fonseca@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre no PPGCA – UFF. fitbritto@gmail.com

<sup>3</sup> Liderança Tupinambá e mestranda Museu Nacional – UFRJ. gliceliatupinamba@gmail.com

<sup>4</sup> Professora IHAC - UFBA. lauracastro.ar@gmail.com

<sup>5</sup> Essa afirmação aconteceu no ciclo “Levantar poeira” do projeto Escolas Vivas: pedagogias territorializadas e materiais didáticos diferenciados para promoção da interculturalidade como política de educação pública. (Acervo do projeto)

metodológica e não mais como ‘objeto’ ou ‘campo’ de pesquisa. Entre nós, no âmbito do projeto de pesquisa “Escolas Vivas: pedagogias territorializadas e materiais didáticos diferenciados para promoção da interculturalidade como política de educação pública”, Glicéria é uma das mestras conselheiras e demarca a abordagem antropológica, que tem nos guiado e reportado pelos trânsitos entre os estudos do mestrado em antropologia no Museu Nacional e as experiências pulsantes dos sonhos, modo sobretudo de conhecer, de mediar a sua própria aproximação da memória, dos saberes e da vida Tupinambá da Serra do Padeiro.

Trata-se de um exercício arqueológico a partir da escola Tupinambá Serra do Padeiro, que resiste, reinventa e cria experiências alternativas de escolas vivas a contrapelo do arruinamento do território rural brasileiro pela face contemporânea da modernização conservadora e da expansão ilimitada das fronteiras do capital agro - minero - industrial. Glicéria Tupinambá (2022) fala da Escola dos sonhos, Escola da mágica, Escola das Majés, Escola das Cosmotécnicas.

Essas escolas ativadas por Glicéria Tupinambá compõem a cartografia realizada durante o ciclo de oficinas “Vocabulário para catástrofes”, em 2020 e 2021, que coletou e sistematizou um conjunto de experiências de escolas indígenas, quilombolas e de assentamento, cujas lideranças foram convidadas a relatar suas experiências. Este conjunto foi registrado com as seguintes expressões: Escola dos Biomas, Escola do Terreiro e do Tambor, Escola do Arco, da Flecha e do Maracá, Escola da Floresta, do Cacau e do Chocolate, Escola das Águas e das Marés, Escola das Formigas, Escola da Cura, Escola da Mandioca, Escola das Majés, Escola do Sonho, Escola das Cosmotécnicas, entre outras. (FONSECA, CASTRO, 2022).

Tais pedagogias vivas pressupõem um entrelaçamento profundo entre escola, comunidades mais que humanas e território. Constatamos que a despeito do radical processo de fechamento das escolas rurais, uma vasta rede de experiências de escolas e de educação segue em atividade e resiliência sobretudo escolas ligadas às lutas indígenas, quilombolas e do MST.

O presente ensaio audiovisual aciona a agência do oráculo e do sonho como modos de compor narrativas em que antropologia, arqueologia e caça se entremeiam. O Arquivo-Oráculo é sobre perfurar a linearidade do tempo supostamente arquivado para se enrolar no seu topos ambivalente. Passado-presente-futuro, tal como a imagem da cobra do tempo enrolada nos territórios de retomada do povo Pataxó da aldeia Kaí no Extremo Sul da Bahia. Junto a essa comunidade escolar, a cobra do tempo, como dispositivo para apresentar à escola sua existência e trajetória de luta, foi impressa no livro *Kijetxawê Zabelê* (ALDEIA, K. 2021), como corpo vivo, ancestral e ingovernável. Dormência e latência, pronta para o bote, a captura e a transmutação.

O Arquivo-Oráculo é gestado junto da pesquisa sobre cinema-sonho (BRITTO, F. 2022) e quer dar a ver um modo de criação narrativa, cuja soberania e agência é descentrada do desejo humano.

“Glicéria Tupinambá: Tive um sonho. Tão forte. Era um lugar em que uma mulher europeia fez uma escavação. Muito tempo atrás. Pois mandaram eu ir lá, que tinha uma coisa importante que só eu posso achar.

Caca Fonseca: Escreve o sonho

Glicéria Tupinambá: Pois tinha lá uma coisa para mim, tinha foto em todas direção. Onde tinha o desenho da borboleta e no olho do diabo que não era o diabo era uma espécie de louva deus que formava o olho, tipo do sapo tem uma coisa lá para eu retirar. O lugar tem um escombro de uma casa, tipo não sei se era uma igreja, tinha alguma coisa com batismo. A mulher falava do que ela achou, mas tinha um recado que tinha uma coisa, só eu posso achar. Você sabe de alguma pesquisadora arqueóloga?” (TUPINAMBÁ, G. e FONSECA, C., 2023)<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Trocas de mensagens no âmbito do projeto de pesquisa Escolas Vivas: pedagogias territorializadas e materiais didáticos diferenciados para promoção da interculturalidade como política de educação pública. (Acervo do projeto)

Essas passagens compõem uma troca de mensagens recente entre Cacá Fonseca e Glicéria Tupinambá, no contexto da pesquisa “Escolas Vivas: pedagogias territorializadas e materiais didáticos diferenciados para promoção da interculturalidade como política de educação pública” (CASTRO, FONSECA, 2022), projeto que se desdobrou tanto da Expedição Catástrofe (2017-2019) quanto da Arqueologia da Ignorância (2020-2022). Essas passagens são indícios dos modos de construção dessa pesquisa que nasce da catástrofe, mas se enreda agora na vitalidade e força de resistência dessas escolas vivas. A experiência do Arquivo-Oráculo, para nós, lampeja sentidos do oráculo como mítica que nos arremessa num devir de símbolos, guianças e forças a nos dar caminho, passagem e comunicação entre mundos.

Como no oráculo, o sonho acontece numa espécie de descolamento das ordenações lógicas, capaz de afrouxar as relações entre acontecimentos e a carga simbólica que a eles é atribuída. Capaz de abrir espaço para que sejam tecidas conexões improváveis, fora da curva que guia o pensamento desperto, tão certo de si. Bem ali, no vacilar da clareza, *no não saber ao certo*, é que surge a possibilidade de encontro entre as incontáveis criaturas, imagens, mundos, afetos, direções, que compõem cada pessoa que sonha. É quando se abre caminho de diálogo entre os seres de todo o conjunto a que Sidarta Ribeiro (2019) dá o nome de *Fauna Mental*. Prospectar nos sonhos, assim como nos oráculos, é buscar nesses diálogos impensados, flechas que apontem outros sentidos: aqueles que escapam ao cálculo da razão. É justo do imprevisível que se tira uma carta, uma imagem-sonho, uma previsão.

“As pinturas vieram, na realidade, eu durmo e sonho com algumas coisas. Na verdade, esses tempos aí, tem mais ou menos um mês por exemplo, eu tava dormindo, menina, e aí daqui a pouco começou vir em sonho aqueles traços no céu, aquelas pinturas. Menina, mais de mil pinturas aparecia na minha mente, como se fosse no céu, em formato de folha, em formato de insetos, em formato de pássaro, em formato de peixe. Assim, não era o formato do peixe, mas quando você olhava assim eu via lá fundo, dava aquela forma que eu consegui passar pro caderno, outras eu não consegui e de acordo com o que eu ia fazendo a primeira ia aparecendo a segunda, a terceira sucessivamente. (...) Pinturas que você nunca viu na sua vida e veio o nome, tipo o que significa aquela pintura, foi aparecendo assim no sonho, aparecendo, aparecendo. Quando eu acordei com aquelas listras na minha cabeça, com aqueles traços, fechava o olho, abria, quando eu abria o olho, eu continuava ainda vendo, aí eu fui no outro dia transcrever pro livro, aí eu consegui transcrever alguns e tem outras que é como se eu estivesse vendo agora, mas eu preciso de tempo, tanto é que eu vou fazer um livro de pintura minha, entendeu?” (PATAXÓ, R. 2021)

Nessa entrevista com a multiartista Rita Pataxó o sonho também guia, cria, atua como agência viva e fundante da sua pesquisa poética e gráfica, fazendo aparecer a Fauna Mental sugerida por Sidarta Ribeiro (2019) como uma dimensão mágica e encantada, que ela acessou como linguagem, capaz de ser transcrita para o livro. Assim também nos perguntamos se é possível pensar formas de montagem audiovisual que funcionem, em alguma medida, como os sonhos? Que sejam, elas mesmas, oniróides ou *oniraladas*? Arquivo-Oráculo é parte da pesquisa em torno do que seria um *cinema-sonho* que busca na maneira imprevisível de acontecer que é própria dos sonhos e oráculos, uma forma de dar fluxo a volumes de imagens, a princípio desconexas ou até antagonicas, friccionando-as até que germinem sentidos.

Do ponto de vista operacional, é um experimento de vídeo-programação reeditada automática e continuamente por códigos que embaralham o arquivo composto por 34 fotos e 42 vídeos, deixando sua sequencialidade aberta a variações incessantes nas repetições das imagens, cortes e durações: uma edição audiovisual autônoma, infinita e em tempo real. Quando acionado ao vivo, o cine-oráculo não é exibido em *loop*, mas acontece numa espécie de “sempre-meio”, sem hora para acabar, em que não há tempo possível pelo qual se assista que garanta o esgotamento das imagens. Para este ensaio, separamos uma gravação de 25 minutos desse processo, composto pela fricção, encontro e sobreposição de três arquivos diferentes:

### ARQUIVO 1: EXPEDIÇÃO CATÁSTROFE: POR UMA ARQUEOLOGIA DA IGNORÂNCIA

Entre 2015 e 2018, um coletivo de artistas realizou o projeto “Expedição catástrofe: por uma arqueologia da ignorância”, uma pesquisa e documentação do Censo Escolar, que registrou o fechamento de 60.065 escolas rurais no período de 1995 a 2016. Uma experimentação para confrontar – no campo das relações intrínsecas entre estética e política – esse dado abismal: o fechamento de uma média de 8 escolas públicas rurais por dia no decurso de 20 anos.

Este foi o campo de pesquisa de três expedições embrenhadas nas entranhas do Brasil profundo, nos estados mais afetados pela catástrofe: Bahia, Minas Gerais e Goiás. A proposta era criar outros regimes de visibilidade deste parque arqueológico e tramar um posicionamento estético-político interessado em evidenciar a agonia dos desígnios da modernidade e suas territorialidades constitutivas. Além de viagens para pesquisas de campo, produção de imagens e expedição por escolas fechadas nos três estados, o projeto culminou na "Torre de Transmissão"

## ARQUIVO 2: TORRE DE TRANSMISSÃO

“Torre de Transmissão” foi um dispositivo de fala e um sistema de escuta implantado num pasto da Universidade Federal de Goiás (UFG), ao lado da Reitoria. Realizamos uma vigília de 24 horas ininterruptas lendo os nomes das escolas rurais fechadas. A leitura foi iniciada às 10:37 do dia 1º de setembro de 2017 em Goiânia e finalizada 24 horas depois. Os dados haviam sido impressos em formulários contínuos e foram lidos por voluntários sentados em frente a um microfone. No enquadramento se via uma cadeira, o microfone, as pilhas de formulário e uma arquibancada ao longe, na qual esperávamos pelo revezamento da leitura. Ao folhearem os formulários, os leitores transformavam o seu volume compacto em um conjunto informe disperso no pasto, à mercê dos gestos de leitura, da voracidade das vacas e da velocidade do vento.

A paisagem rural do município de Goiânia e as ações de leitura que ali ocorreram num período de 24 horas foram transmitidas em regime de simultaneidade (*streaming*) para diferentes mídias, cidades e canais.

“Comecei a primeira leitura às 10:37, no dia 1º de setembro, e a primeira escola, epifânica, chamava-se Escola Mundo Encantado. A garganta fechou, era a aridez do agosto-desgosto, no cerrado do Brasil profundo, ressecada pela aridez do dado. Ao Mundo Encantado extinto, depois seguiram-se escola isolada, escola extrema, escola fortaleza. E cada nome batizava o dado ao lhe atribuir sentido singular. Era como se, na leitura, o dado estatístico incorporasse substratos espaciais, temporais, existenciais. Ler os nomes das escolas fechadas cartografadas em todo o território rural brasileiro parecia ressuscitar estatísticas de um arquivo morto e mudo, sobrepor datas, pessoas, homenagens e imagens ao dado estatístico estéril.” (FONSECA e BRITTO, 2019)

## ARQUIVO 3: CONTRA-ARQUIVOS

Registros em foto e vídeo da Escola Indígena Tupinambá Serra do Padeiro, enviados por Glicéria Tupinambá durante sua participação no ciclo de oficina "Vocabulários para Catástrofes" realizado entre agosto e outubro de 2021 onde elaboramos a ideia de Contra-arquivos como modo de agenciar, sonhar e retomar saberes e práticas Tupinambás, sobretudo a trama profunda e ancestral que perpassa a presença viva do Manto Tupinambá:

“Então a questão do cosmo que trazemos é sobre ouvir a natureza, as árvores, os sons, os ensinamentos transmitidos pelos encantados, que não são as pessoas que morreram e se encantaram. São seres guardiões encantados na criação do mundo. A cultura indígena não está escrita no livro, não tem receita, nem uma bíblia, é ensinada pelo cosmo, vem de fora para dentro. Quem tem o sangue indígena, tem essa dimensão, a intuição, o sonho, a vibração, uma folha que cai. Isso nos faz saber, sentir e ter a direção. Não tenho uma receita, lamento, não tenho, o interessante é percorrer e absorver esses conhecimentos que a gente tem.” (TUPINAMBÁ, G., 2022)

Ao longo do ciclo de estudos “Vocabulário para catástrofes”, lançamos as seguintes perguntas ao arquivo- oráculo: Onde nascem escolas? Como nascem? O que pode uma escola? Havia o desejo da consulta ao arquivo, onde habitam documentos embaralhados como heterocronias, tempos sobrepostos, tempo sobre tempo sobre tempo, mediada pelo oráculo, espiralar o tempo. Não exatamente um retorno ao passado de onde vieram os documentos do arquivo, mas uma dilatação do presente em fluxos trans-temporais entre passado e futuro. “Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta”, nos ensina Leda Maria Martins (2002).

Abrir o oráculo, como edição randômica destes três arquivos, nos devolve uma imagem-sonho das escolas vivas no território Tupinambá, que plasmam tão mais vivas, quanto mais mortas e destruídas se mostram as imagens da catástrofe e da ignorância, das pesquisas anteriores. A mítica do oráculo aciona na pergunta lançada ao arquivo, o imponderável da resposta, inconclusa, adivinatória, infinita, atravessada por imagens, arquétipos, lampejos e epifanias do presente.

## LINK DO VÍDEO

<https://vimeo.com/744036793>

## DADOS TÉCNICOS DA OBRA

**IMAGENS:** Filipe Britto, Leonardo Mendez, Glicéria Tupinambá e Pablo Lobato.

**PRODUÇÃO EXECUTIVA:** Filipe Britto e Cacá Fonseca.

**ARGUMENTO:** Alexandre Campos, Cacá Fonseca, Filipe Britto, Yuri Firmeza, Pablo Lobato, Glayson Arcanjo, Laura Castro e Pedro Britto.

**FINALIZAÇÃO:** Filipe Britto.

ALDEIA, Kaí. **Kijetxawê Zabelê: Aldeia Kaí**. 2. ed. Cumuruxatiba: Sociedade da Prensa/EDTÓRA, 2021.

BRITTO, Filipe. **Faz tempo que não lembro dos meus sonhos**. 2022. Dissertação (Mestrado em Artes) — Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

ESBELL, Jaider. A arte indígena contemporânea como armadilha para armadilhas. In: **Web Site de Jaider Esbell**. 9 de julho de 2020. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2020/07/09/a-arte-indigena-contemporanea-como-armadilha-para-armadilhas/>. Acesso em: 1 jan. 2021.

FONSECA, Carolina Ferreira da; BRITTO, Pedro Dultra. Torre de transmissão: uma vigília coletiva. **V!RUS**, São Carlos, n. 18, 2019. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus18/?sec=5&item=96&lang=pt>. Acesso em: 1 jan. 2021.

FONSECA, Cacá, *et al.* **Composto Escola: comunidades de sabenças vivas**. 1 ed. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. //: ARBEX, Márcia; RAVETTI, Graciela (Orgs). **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras, Poslit, 2002. p. 69–93.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: A história e a ciência do sonho**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TUPINAMBÁ, Glicéria. Contra Arquivos. //: FONSECA, Cacá *et al.* **Composto Escola: comunidades de sabenças vivas**. 1 ed. São Paulo: N-1 Edições, 2022.